A ciência social num mundo em crise. Textos do Scientific American. SP. Editora Perspectiva — 1973

5

A Destruição Psicológica de Hiroshima e Nagasaki

J. BRONOWSKI

Junho de 1968

Uma resenha de *Death in Life: Survivors of Hiroshima,* de Robert Jay Lifton. New York: Random House, 1968.

A SEGUNDA GRANDE GUERRA começou no verão de 1939, com um pacto entre Hitler e Stalin, e terminou seis anos depois com o lançamento de duas bombas atômicas sobre o Japão. Na época, para quase todos o segundo acontecimento foi tão inesperado e chocante quanto o primeiro. Evidentemente, a imensa tarefa de inventar, construir e montar a bomba atômica fora o segredo mais bem guardado da guerra. E para quase todas as pessoas, cientistas e não-cientistas, revelou-se também o mais horrível dos segredos. Depois dos primeiros dias de espanto triunfante, uma espécie de tremor passou pelo mundo, uma onda de medo e revolta reunidos, que aproximadamente vinte anos apagaram em nossa lembrança. Na época, quase todos tinham um sentimento de culpa com relação à bomba atômica, e embora a maioria das pessoas passasse a culpar a ciência, essa desculpa desesperada era também um sinal de penitência.

Vinte anos é período muito longo para sofrimento, mas o tempo, em vez de curar, embrutece. As bombas que destruíram Hiroshima e Nagasaki tornaram-se armas modestas no arsenal tático, e as pessoas lêem, com resignada indiferença, a notícia de que bombas de hidrogênio, mais de cem vezes mais poderosas, são transportadas por aviões, durante 24 horas do dia. Nessa maré vazante da consciência, em que deixamos que os governos discutam *a respeito* de desarmamento, perdeu-se o impulso moral de 1945. Poderíamos supor que o sentimento de culpa tinha desaparecido sem deixar um traço, se o Professor Lifton não descobrisse que ainda persegue (imaginem!) os sobreviventes de Hiroshima. A descoberta dá a este livro calmo e penetrante uma espécie de ironia cósmica que, mais do que qualquer explosão de virtude, deve despertar-nos de nosso sonambulismo.

Depois da guerra, o Professor Lifton passou quatro anos no Japão — embora nesse período viajasse várias vezes de lá para outros países — antes de visitar Hiroshima. Nos dois últimos desses anos, tinha trabalhado num estudo psicológico e histórico da juventude japonesa. Aí encontrou (entre outras coisas) o que todos sabemos e decidimos esquecer:

"A grande maioria não tinha lembrança da guerra ou tinha apenas vagas recordações dela. Mas o que se tornava claro, quando explorava com eles seu sentimento de auto-identidade e o sentimento sobre o mundo em que viviam, era a extraordinária significação, para eles, ainda que isso se exprimisse apenas de maneira indireta, do fato de apenas o Japão ter sofrido ataque de bombas atômicas".

Por isso, no início de 1962 decidiu ficar mais seis meses, e passá-los em Hiroshima, além de ficar alguns dias em Nagasaki.

Seu método de estudo era entrevistar 75 pessoas, usualmente em dois períodos de duas horas com cada uma delas. As entrevistas eram realizadas em japonês, através de um pesquisador assistente, embora o Professor Lifton fale razoavelmente essa língua. Quarenta e dois dos entrevistados foram escolhidos por sua proeminência reconhecida e bem formulada em questões de bomba atômica; os outros 33 foram retirados, ao acaso, da lista oficial. Todos eram *hibakusha,* o que significa que estavam nos limites da cidade quando a bomba foi lançada, entraram na cidade nos 14 dias seguintes, ou ficaram em contato íntimo com vítimas da bomba, ou sua mãe estava num desses grupos, esperando o nascimento do entrevistado.

Fizeram-se várias estimativas do número de pessoas mortas pelas bombas em Hiroshima e Nagasaki. Ficarei com os números que eu e meus colegas conseguimos na Missão Britânica no Japão, em novembro de 1945. Calculamos que, em Hiroshima, quando a bomba caiu em 6 de agosto, havia uma população de 320 000 pessoas, das quais foram mortas 80 000, e que em Nagasaki, a 9 de agosto, havia 260 000 pessoas, das quais foram mortas 40 000. A partir de então morreram muitas pessoas por causa dos pós-efeitos de radiação da bomba atômica. Considerando-se essas pessoas e as mortes normais em 20 anos, os dados estão de acordo com o número oficial de *hibakusha* atuais, isto é, 160 000 de Hiroshima e 130 000 de Nagasaki.

As cenas posteriores à queda das bombas foram descritas com lúgubres minúcias por John Hersey — a partir do testemunho dos sobreviventes de Hiroshima — e pelo Dr. Takashi Nagai, testemunha de Nagasaki. Todas as vítimas acreditavam que a bomba tinha explodido diretamente sobre elas. Os que estavam em campo aberto foram severamente queimados pela faísca, de tal forma que muitas vezes não podiam ser conhecidos por suas famílias. (Isso ocorreu com dois sobreviventes estudados pelo Professor Lifton.) Os que estavam dentro de casa ficaram soterrados e, quando conseguiram sair, quase nus, verificaram que estavam cercados por fogo. Todos que podiam caminhar dirigiram-se, em silêncio, entorpecido, para os rios; os feridos foram abandonados e podiam ser ouvidos, no calor estacionário, a gritar por água.

O Professor Lifton cita uma de suas entrevistadas, que estava em idade escolar na época:

Senti meu corpo tão quente que pensei que saltaria no rio (...) O professor de outra sala, cuja camisa estava pegando fogo, saltou no rio. E quando eu estava prestes a me lançar também no rio, a professora de nossa classe também se aproximou e se jogou no rio. Como sempre tínhamos procurado orientação com nossos professores, queríamos pedir auxílio a eles. Mas também eles estavam feridos e sofriam a mesma dor que nós".

Outro dos sobreviventes do Professor Lifton, um professor de história, viu a destruição quando estava num morro que dominava a cidade:

"Esta experiência, a de olhar para baixo e verificar que nada restava de Hiroshima — foi tão chocante que eu simplesmente não consigo exprimir o que senti. (...) Hiroshima não existia — foi principalmente isso que vi — Hiroshima simplesmente não existia".

Mas os que estavam na cidade viram maior destruição na destruição da consciência humana, de forma que, para eles, os refugiados pareciam "pessoas que andavam no reino dos sonhos".

"Os que podiam andavam silenciosamente para os subúrbios nos morros distantes, com seus espíritos destruídos, sem qualquer iniciativa própria. Quando lhes perguntavam de onde tinham vindo, indicavam a cidade e diziam: 'Esse lado'. Quando lhes perguntavam para onde iam, indicavam para longe da cidade e diziam: 'Esse lado'. Estavam tão destruídos e confusos que se movimentavam e comportavam como autômatos."

Isso basta para lembrar o que soubemos e nos esforçamos por afastar de nosso pensamento. O que foi que 20 anos fizeram para essas 290 000 pessoas que estavam lá e não podiam tão facilmente afastar da lembrança o que viram e o que fizeram? Existe realmente um tema único em suas vidas? Estão ainda dominados pelas bombas atômicas?

É certo que Hiroshima se tornou a cidade da bomba atômica. Tem um Parque da Paz, um edifício erguido em memória dos que morreram, um monumento das crianças e um Museu da Paz. Existe um cenotáfio com a inscrição: "Descansa em paz. O erro não será repetido". A palavra "erro" é suficientemente ambígua para fazer com que muitos cidadãos sintam que estão sendo condenados pela bomba. (Esta é uma queixa comum entre os *hibakusha*, o que exprimem com a seguinte sentença irônica: "Eu me desculpo por ter sido uma vítima da bomba atômica".) Um edifício de concreto reforçado, colocado quase em baixo da bomba, resistiu tão bem à explosão que foi conservado como Mansão da Paz, embora alguns sobreviventes ainda não se sintam bem quando o vêem.

Mas esses solenes *memento mori* são colocados na sombra por outro local de exibição da indústria da paz, que é o distrito de divertimentos de Hiroshima. Em nenhum outro lugar do Japão existe tal esplendor de bares, cafés, restaurantes, casas de gueixas, salões de dança e o que o Professor Lifton denomina, delicadamente, "locais provisórios para vários tipos de atividade sexual ilícita". Os que viram o filme *Hiroshima, Mon Amour* lembram certamente o contraste entre os dois aspectos da nova Hiroshima, apesar da estranha suposição de que são inseparáveis. E na verdade o são: a bomba está ligada às vidas dos que sobreviveram a ela — seja quando dirigem um desfile de crianças, seja quando exibem suas cicatrizes quelóides num bordel de Hiroshima. Os líderes *hibakusha* podem encolerizar-se com os que "vendem a bomba", mas sua cólera é também uma forma de auto-acusação; não podem impedir isso, precisam explorar a bomba como qualquer vendedor aleijado de cartões postais.

Os *hibakusha* não conseguiram fugir à ambivalência que sempre persegue a vítima de desgraça. Gostariam que os outros os tratassem como se fossem normais, mas ao mesmo tempo sentem-se magoados se não recebem uma compreensão especial. O efeito dessas exigências contraditórias é assustar os que não foram expostos às bombas, de forma que os sobreviventes têm dificuldade para achar empregos, para casar e até para conviver com os outros. Há vinte anos atrás seus vizinhos tinham medo porque os *hibakusha* estavam ainda psicologicamente atordoados, ficavam freqüentemente doentes e (quem sabe?) poderiam ter filhos monstruosos. Mas hoje a alienação tem uma índole diversa, e apenas afasta os *hibakusha* como pessoas que *têm alguma outra coisa em suas mentes.*

O claro dia de agosto de 1945 domina a mente do sobrevivente como uma experiência diversa de qualquer outra, que totalmente afastou sua ordenação íntima do universo. Nesse dia, levantara-se com a confiança, construída cuidadosamente durante os anos de desenvolvimento, de que as coisas ocorreriam de uma forma e não de outra — que os professores ajudam você, que a cidade é uma casa sólida e que as pessoas agem em conjunto porque assim decidem fazê-lo. Ao cair da noite, esse esquema de leis não-escritas, que tinham parecido as leis da natureza, estavam separadas em pedaços sem sentido — o professor tinha saltado para dentro do rio, Hiroshima não existia e seus habitantes se comportavam como autômatos. Assim como, às vezes, um grande homem tem a ordem do mundo a ele revelada numa visão (por exemplo, René Descartes em 10 de novembro de 1619, Blaise Pascal em 23 de novembro de 1654), também os homens e as mulheres comuns de Hiroshima tiveram nesse dia uma visão direta de uma anti-revelação: o fracasso da ordem humana no mundo. O Professor Lifton a isso denomina "a substituição da ordem natural da vida e da morte pela ordem não-natural de vida dominada pela morte". Por isso, acentua "a marca indelével da imersão na morte"; eu preferiria falar na imersão fatal no colapso dos valores humanos. Mas, em princípio, eu e o Professor Lifton estamos de acordo, e o que descobre é o mesmo desaparecimento da confiança, a destruição das raízes do comportamento — e que eu já lá encontrara três meses depois da explosão da bomba.

Evidentemente, de alguma forma as raízes precisam curar-se; os delinqüentes desaparecem da estação de Hiroshima, as viúvas mudam para o distrito de divertimentos, e os homens que perderam a confiança pedem a suas firmas sem preocupação exagerada, que sejam transferidos para empregos menos importantes. Mas uma ferida psicológica curada continua a ser uma ferida, um tipo de cicatriz da bomba ou quelóide da personalidade, e que exprime sob outra forma a ambigüidade do *hibakusha*. Foram vítimas de um desastre fabricado por outros; apesar disso, seu sentimento de fracasso é mais angustiado do que esperamos, e vemos que existe outra ferida abaixo da cicatriz. A vítima não foi apenas vítima; também foi testemunha e (por sua inação) permitiu que as vítimas fossem abandonadas. Todo sobrevivente tem lembranças daqueles a que não ajudou:

"Ouvi muitas vozes que pediam socorro, vozes que chamavam seus pais, vozes de mulheres e crianças. (...) Senti que era errado não ajudá-los, mas estávamos tão ocupados em fugir, que os deixamos".

"Sua cabeça estava coberta de sangue, e quando nos viu, chamou-nos. (...) 'Yano (disse à minha filha),

por favor leve meu filho com você. Por favor, leve-o para o hospital'. (...) Ouvi dizer depois que ele sobreviveu... mas que o menino morreu. (...) E quando penso que não o ajudei, apesar de seu pedido, só posso dizer que isso é uma coisa lamentável".

Como as ligações de família são muito fortes no Japão, as lembranças são muito dolorosas naqueles que sentem ter abandonado seus pais. Por exemplo, uma menina que na época tinha 14 anos sente um grande remorso pela morte de seu pai, embora apenas se queixasse do mau cheiro das feridas.

O quelóide na personalidade do sobrevivente de Hiroshima e Nagasaki é o sentimento de culpa. "Eu me desculpo por ter sido uma vítima da bomba atômica" não é afinal de contas uma piada, se entendemos a frase com o sentido de "Eu me desculpo por *ter sobrevivido* à bomba atômica". Mesmo quando a vítima estava impotente no momento e nada poderia ter feito para ajudar, fica perturbada por dúvida e um sentimento de inadequação. À sua volta, as pessoas morriam; por que merecia viver? Será que esse ato de *hybris* não atingirá seus filhos? Um sobrevivente de Nagasaki disse ao Professor Lifton: "Os que morreram estão mortos, mas os vivos precisam viver com esse sombrio sentimento". Não é possível afastar o sentimento dividido entre o destino pessoal e o destino dos outros, entre sofrimento e medo, entre piedade e mudança violenta. Esse sentimento é simbolizado pela lembrança que ocorre a um *hibakusha* numa festa japonesa:

"A cor do quelóide de meu irmão — a cor de suas queimaduras — se mistura com meu sentimento... o que vi diretamente — isto é, a maneira pela qual morreu — é o que lembro. (...) A cor era semelhante à de lula seca quando cozida — por isso penso nele sempre que vejo lula seca. (...) Tenho... um sentimento de solidão".

O Professor Lifton é magistral em sua análise das ambigüidades que tornam o *hibakusha* tão perturbador em si mesmo e tão perturbador para nós. Escreve sem jargão e sem bravatas, com um ar pessoal de cortesia que convida a concordância do leitor, mas que não a supõe. É evidentemente difícil convencer os cientistas de que exista justificativa para análises psicológicas que não dêem respostas únicas. (É a queixa de Karl Popper quanto a Freud e Adler.) Apesar disso, penso que o Professor Lifton convencerá até um cientista cético de que a natureza da tragédia consiste em dividir a personalidade humana, lançando-a contra si mesma, e que os sobreviventes de Hiroshima representam simbolicamente essa divisão em seu sentimento de culpa.

O *hibakusha* ressente-se de seu sentimento de culpa, embora não possa solucioná-lo; está infeliz como vítima e como sobrevivente. A luta interior entre o papel de vítima e o de sobrevivente se apresenta de maneira muito clara nos japoneses, e isso por duas razões. Em primeiro lugar, são educados num rígido código de família e de adequação social, de maneira que a destruição do comportamento em Hiroshima e Nagasaki foi muito violenta para eles. Em segundo lugar, os japoneses dão muita atenção aos sentidos simbólicos, de forma que a divisão nos sentimentos do *hibakusha* é constantemente reforçada pela ambivalência nos símbolos que os exprimem. (Por exemplo, os cidadãos de Hiroshima são torcedores fanáticos de sua equipe de beisebol, mas esta geralmente fica em último lugar no campeonato.)

Por isso, era natural que o Professor Lifton tentasse aplicar seu tema a outro conjunto de sobreviventes não-japoneses. Em seu último capítulo, intitulado "O Sobrevivente", faz algumas comparações com os homens que passaram por campos de concentração dos nazistas e conseguiram sobreviver. O que aí diz vale a pena ser lido, e é evidentemente coerente com seus resultados obtidos no Japão. No entanto, como nesse caso precisava obter seus dados de segunda mão, através dos trabalhos de outras pessoas, sentimos falta da força de linguagem direta, que torna tão convincente o resto do livro. Podemos ver que aqueles que sobreviveram aos campos de concentração são tão perturbados por lembranças de culpa quanto os *hibakusha,* mas a análise se tornou mais formal, e no argumento existe um pequeno sinal de tese de sala de aula.

Quanto ao resto, fiquei convencido pelo grande livro do Professor Lifton, e apenas num ponto discordo de sua análise. Como o mostra a escolha do título, está preocupado com a morte como a causa visível e o símbolo do sentimento de culpa do sobrevivente, e na realidade emprega a frase "culpa da morte" para indicar isso. No início do livro diz: "No livro, usarei a expressão 'culpa de morte' para abranger todas as formas de autocondenação associada ao fato de, literal ou simbolicamente, ver a morte".

Ora, é verdade que as vítimas de desastres provocados pelo homem, e de que somos espectadores, viram a morte e a agonia. Citei os números de vítimas em Hiroshima e Nagasaki — e, quanto aos campos de concentração, "uma pessoa que aceitasse integralmente todos os padrões éticos e morais de comportamento da vida civil, e que entrasse de manhã num campo de concentração, estaria morta no fim da tarde". Apesar disso, penso que o sofrimento dos sobreviventes era causado, mais profundamente ainda do que pelo encontro com a morte, pela dissolução dos "padrões morais e éticos de comportamento da vida civil" que destruía sua orientação.

É certo que o medo da morte (e a maneira imprevisível pela qual a morte atingiria alguém em Hiroshima e Auschwitz) é o vírus infeccioso que começa a dissolução social. No entanto, a menina de Hiroshima que sente remorso pela morte do pai não o matou; sente-se culpada por não o ter socorrido. Pense-se em um dos homens sobre quem escrevi em *The Face of Violence,* por exemplo, Joseph Wiener, professor de Direito Internacional na Universidade de Viena, que os nazistas enlouqueceram e encarregaram da criação de porcos. Denunciava prisioneiros que roubavam alimento do comedouro dos porcos; no entanto, não foi a presença da morte que o enlouqueceu mas (como o sabia em seus momentos de saúde mental) a destruição da dignidade humana na sua pessoa. Para mim, tais exemplos parecem mostrar claramente que o que desequilibra o eu da vítima, deixando-a desorientada, não é uma divisão interior entre vida e morte, mas uma divisão entre ela e a ordem social. Desde a infância aprendeu a colocar suas exigências pessoais em segundo lugar, diante das exigências da sociedade (este é meu tema em *The Face of Violence*) e, repentinamente, não é a vida, mas a sociedade que desaparece; parece andar à vontade na anarquia com que antes sonhava.

Deixei para o fim a pergunta que pode ser a mais importante para muitos leitores: o que é que os japoneses pensam dos norte-americanos que, afinal de contas, lançaram as bombas atômicas? Achei que essa era a questão mais difícil para resolver há vinte e tantos anos atrás, e parece que hoje a situação não mudou. Os japoneses poucas vezes exprimem diretamente o ressentimento; talvez estivessem muito atordoados ou talvez fossem muito delicados. Em sua maior parte, pareciam ter ciência de

que, antecipadamente, sabíamos tanto a respeito da bomba quanto eles; um ou dois professores me falaram ironicamente a respeito do "experimento", e a maior revolta que o Professor Lifton encontrou foi o fato de terem sido tratados como cobaias.

Muitos japoneses pensam que foram atacados como um inimigo branco não o teria sido, como menos do que seres humanos; alguns podem ter visto as figuras de japoneses apresentadas como animais nocivos (como as figuras de judeus apresentadas pelos nazistas) que eram comuns nos Estados Unidos durante a guerra. Em Nagasaki havia o boato, quando lá estive, de que a bomba atômica queimava apenas pessoas com pele mais escura; isso não era verdade, mas dava a correta pitada de fato científico ao prato racial.

No entanto, o sentimento predominante era, e é, que os norte-americanos são simplesmente insensíveis. O Professor Lifton apresenta muitos exemplos para justificar isso: a censura inicial, a exibição de poder e riqueza, os exames clínicos e a política de estudar as vítimas sem tratá-las. Podemos imaginar o que pensariam os japoneses se a primeira bomba tivesse sido lançada sobre Kyoto, como o desejava o grupo do general Groves. Na época, inventei meu boato — que não é verdadeiro, mas que gostaria de divulgar agora pelo *Scientific American*: uma pessoa do grupo de bombardeio ouviu dizer que isso seria como bombardear Florença. E ele perguntou: Florença do quê?

A respeito do futuro, nada há a dizer que ainda não tenha sido dito. Como o demonstra o livro do Professor Lifton, precisamos compreender que as armas atômicas não criam vítimas, mas caos — um caos duradouro dos valores humanos. Os *hibakusha* são perseguidos e incapacitados por uma vergonha que não é sua, e que tem agora 20 anos — e o mesmo ocorre conosco. Com eles, temos uma ambivalência entre eu e sociedade, nação e humanidade, e que nos impede de chegar a qualquer programa de conduta certa. E o sentimento de culpa decorrente de ver dois caminhos é mais profundo, pois nos impede de cristalizar qualquer princípio de conduta certa. A última mensagem do Professor Lifton é que devemos aprender aquilo que denomina a sabedoria do sobrevivente, e hoje ninguém pode duvidar que essa sabedoria mostra que apenas os homens de princípios sobrevivem íntegros.